

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XVI*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1977

## SOBRE OS TOPÓNIMOS CONIMBRIGA, CONDEIXA E ALCABIDEQUE

Quem se lembra ainda da «cidade encantada», que foi a *Conimbriga* de há quase meio século — uma cintura de misteriosas muralhas aterradas e invadidas pelas heras —, e a revê hoje, como por milagre ressuscitada em vastas zonas graças à eficiência de sucessivas equipas de competentes arqueólogos coimbrãos e seus dedicados colaboradores bordeleses, não pode deixar de ficar profundamente impressionado com a envergadura da obra de científico restauro levada a bom termo. Não é, aliás, sem uma ponta de nostalgia que o autor destas singelas linhas evoca os tempos em que, acompanhando Virgílio Correia, de tão boa memória, com outros lembrados colegas amigos, frequentava aquele adormecido sítio, perdido numa paz realçada ainda pelo canto das cigarras, ou brevemente turbada por um miúdo da terra vizinha, vindo oferecer aos raros visitantes algum «realocho» de cobre revestido do azebre dos séculos.

Tiveram os organizadores do presente volume (\*) a cativante gentileza de pedir a um enamorado da vetusta «cidade» duas palavras sobre a origem do nome de *Conimbriga*, assim como de dois topónimos estreitamente relacionados com a sua história, ou seja *Alcabideque* e *Condeixa*. Infelizmente, difícil se lhe torna ir um pouco além do que já foi dito e bem dito a esse respeito. Evidentemente que a — em perspectiva linguística moderna

(\*) O presente artigo foi escrito para ser impresso na obra de J. ALARCÃO e R. ETIENNE, *Fouilles de Conimbriga. I. Varchitecture*, Paris, 1977. Ulna alteração do plano da obra levou à exclusão deste texto, que a revista *Conimbriga* com muito gosto publica, pois completa o de R. Blondin impresso neste mesmo número.

ingénua — etimologia pseudo-latina *colubra* + *briga* ‘batalha da cobra’, a qual deixou vestígios nas armas da cidade do Mondego depois de dar aso a uma lenda poética, só merece ser recordada a este título. Não vale também insistir no bem conhecido facto de o *Aeminium* romano — cuja etimologia, aliás, ignoramos — ter por assim dizer «perdido a sua face» toponímica ao usurpar o nome da primitiva *Conimbriga*, completamente arrasada e ermada <sup>(2)</sup>, em 465, pelos Suevos.

A respeito do topónimo em apreciação, de seguro apenas podemos reter que o seu elemento formativo, átono, *-briga* — evoluído posteriormente para *-bria-j-bra* — se integra num conjunto importante de nomes geográficos, compostos com o termo topográfico celta *briga* ‘altura fortificada’, de larga difusão também na Europa Central <sup>(3)</sup>. Na Península Ibérica, a sua área de expansão fica confinada às zonas ocidentais, em nítido contraste com outra formante celta, *-dunum*, de valor semântico idêntico, e implantada em topónimos do leste hispânico. Sendo *-briga*, pois, um dos, aliás raros, termos toponímicos pré-latinos que admita uma explicação não controversa, o mesmo já não acontece com o primeiro elemento de composição, ou seja *Conim-*. É verdade que Leite de Vasconcelos sugeriu há bastantes anos um possível enlace com o etnónimo dos antigos *Conii* (ΚÓVΛΟΙ), lembrados por certos autores da Antiguidade <sup>(4)</sup>. A relativa fragilidade dessa tese está no facto de a tribo, sem dúvida celta, em causa se achar localizada no sul da Lusitânia, além de faltar ainda uma explicação segura do elemento interno *-(i)m-*, de carácter certamente morfológico (genit, do plur. ?) e, segundo cremos, idêntico ao que se nos depara em *Sesimbra*, *Cambra* (= ant. *Calambriga*), gal. *Oimbra* (prov. de Pontevedra) e possivelmente ainda outras formas con-

(2) A circunstância de existirem certos vestígios de uma presença humana em época posterior, dificilmente justifica a hipótese de um povoamento propriamente dito no recinto do antigo *oppidum*.

(3) *Briga* ocorre também ocasionalmente como primeiro componente. Limitamo-nos a apontar o conhecido caso de *Bragança* (pronúncia local *Bregança*) <*Brig-antia*, topónimo gêmeo do austr. *Bregenz* (no Lago de Constança).

(4) Yer *Lições de filologia portuguesa*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 256: «*Coniumbriga*, forma epigráfica e pliniana».

gêneres. Um dos poucos exemplos de nomes em *-briga*, com primeiro termo etimologicamente penetrável, vem a ser, por ex., o ant. \**Sená-briga* ‘castro (ou «cidade») velha’, formação que está na base do esp. *SanabrialSenabria* (prov. de Zamora) e do port. *Seabra* = mediev. *Senabria*, que sobrevive apenas como apelido de origem <sup>(5)</sup>. Abstraímos, evidentemente, de formações híbridas como *Caesarobriga*, *Augustobriga* e *Flaviobriga*, as quais, aliás, revelam o alto grau de integração do elemento formativo do substrato no sistema toponímico da época latina, o qual se manifesta também nos diminutivos em *-ula*, como *Deobrígula*.

No que se refere a *Alcabideque* e *Condeixa*, os nada fáceis problemas etimológicos, postos por estes dois topónimos, cremos que foram cabalmente resolvidos por Joaquim da Silveira e Ruy de Azevedo, respectivamente. Consciente de que a primeira das referidas localidades estava situada nas imediações do ainda hoje impressionante manancial, protegido por uma torre, que fornecia as águas a *Conimbriga*, Silveira descobriu que *Alcabideque* não passava de uma adaptação árabe de *caput aquae*, ou seja a normal denominação, em latim, de uma fonte importante, precedida, no nosso caso, do artigo «alarve», justificando plenamente as metamorfoses fonéticas que esta sagacíssima etimologia implica <sup>(6)</sup>. Escusado será lembrar que existem outros testemunhos toponí-

<sup>(5)</sup> Cf. JOAQUIM DA SILVEIRA, «Rev. Lus.» XVII (1914), pág. 123, (com nota) e LEITE DE VASCONCELOS *Antropontmia Portuguesa*, pág. 306.

<sup>(6)</sup> É verdade que se poderiam encarar dois retoques a esta etimologia. O primeiro seria o de considerar *Al-* não como sendo artigo árabe, mas adaptação da preposição latina *ad-*, comum, e precisamente em Itinerários da latimidade tardia, como elemento designativo de povoações, p. ex. *Ad saltos* «no lugar dos soutos» (no chamado «Paroquial Suevo»), quer dizer uma espécie de substituto românico do ablativo-locativo do latim clássico que, no nosso caso seria *Saltibus*. A segunda dúvida consiste em perguntar se haverá a necessidade de admitir com Silveira uma flexão vulgar \* *capite*, ou se não bastará a forma normal *caput (aquae)* para justificar a de *Alcabideque*. Com efeito, o *-i-* deste topónimo moderno — a forma antiga escrevia-se *Alkapdec* a. 967, *Alcabedec* a. 1156 (cf. Rui DE AZEVEDO, «Historia da expansão portuguesa» I (1937), pág. 29)—poderia resultar da instabilidade do vocalismo árabe. O mesmo problema põe-se a respeito da forma gêmea *Alcabideche* (lugar situado próximo de Cascais), com a variante consonántica *-ch-*, que parece dialectalismo árabe.

micos, na região de Conimbriga, reveladores de um bilingüismo existente aí, em vésperas da Reconquista, devido à presença dum forte contingente de moçárabes ou mesmo árabes (7).

A etimologia de *Condeixa*, já entrevista por Borges de Figueiredo, foi plenamente confirmada por Ruy de Azevedo ao invocar a abonação antiga de *Villa cova de Condessa domna Onega*, constante de documento de Lorvão, de 928 (8). Não é impossível que o nexu -eix- <C-iss- (comit-issa) de *Condeixa* constitua outro fenómeno de fonética moçárabe. No entanto, talvez não seja necessário recorrer a esta hipótese atendendo a casos congêneres como o ant. nome pessoal *Verèiximo* = gal. *Breixo*, de *Verissimus*, ou, na toponímia hodierna, *Codexido* (conc. de Marco de Canaveses) réplica de *Codecido* (ou seja, melhor, *Codessido*), representantes do lat. *cytiss-êtum* 'lugar dos codessos', formas que atestariam uma já antiga tendência de palatalisar o grupo -ss- quando precedido de vogal palatal.

Para terminar, permitimo-nos rever uma hipótese a respeito do possível destino da tribulada população de Conimbriga, levada em cativo depois de «desolada» a sua cidade: «...habitoribus captis atque dispersis et regio desolatur et civitas» (9). Já lá vão bastantes anos que chamou a nossa atenção o número insólito de terras galegas, nada menos de sete, cujo nome anda vinculado, sem erro possível, ao nome de Conimbriga: *Cumbraos* e *Cumbraus*, sendo uma ou outra esporadicamente documentada na Idade Média com a forma de *Conimbrianos* e *Colimbrianos*. Naquela ocasião pensámos que se trataria possivelmente da *Conim-*

(7) Ver a esse respeito o substancioso estudo de J. HERCULANO DE CARVALHO, *Moçarabismo linguístico ao Sul do Mondego*, in «Rev. Port. de História», VIII (1959), págs. 277-284.

(8) Estaríamos por conseguinte em presença de um caso parecido com o de *Vila do Conde*, quer dizer de obliteração do nome do dono respectivo, com esta diferença que, em *Condeixa*, a expressão elíptica reduziu os cinco elementos da denominação medieval a um só.

(9) É com estas lacónicas palavras que o cronista— Idácio (Hydatius), bispo de Chaves —, contemporâneo das ocorrências que relata, se refere ao triste episódio da tribulação de Conimbriga, em 465, não se esquecendo de fazer observar, que nem sequer a nobre estirpe de um certo *Cantabrius* escapou ao cativo.

*briga-Aeminium*, e de uma possível transplantação de habitantes dessa cidade, promovida por Afonso I, nos meados do séc. vm, por ocasião de uma incursão, sem consequências duradouras, em território que continuava sob domínio árabe. Repensando o problema, quer antes parecer-nos que as aludidas terras galegas devem a sua existência ao referido êxodo maciço da população da *Conimbriga-Condeixa* aniquilada, organizado, por motivos estratégicos e de necessidade de recursos humanos servis, pelos próprios Suevos <sup>(10)</sup>.

**J. M. PIEL**

<sup>(10)</sup> Trata-se de uma simples hipótese, que não nos é possível, neste momento, desenvolver com outros argumentos. Diga-se apenas que as aludidas terras galegas, presumivelmente colonizadas pelos emigrantes cativos de Conimbriga, se distribuem sobre as províncias de La Coruña, Lugo e Pontevedra; cf. o esboço desta repartição na nossa *Miscelânea de toponímia peninsular*, «Rev. Port. de Filologia», vol. IV (1951), pág. 200. Cabe ainda frisar que uma simples transferência da população apresada para a vizinha *Aeminium* não resolveria o problema político, que sem dúvida esteve na base do aniquilamento doloso de Conimbriga, a qual deveria ser, como outras cidades destruídas na mesma época, um centro de resistência hispano-romano à dominação do invasor suevo. Acresce que a visível dispersão geográfica dos *Cumbræus*, no próprio coração da «Suévia», poderia ter sido motivada pela preocupação dos vencedores de não permitir uma possível reorganização, sempre perigosa para um regime minoritário, do primitivo núcleo de resistência de Conimbriga, subjugado.